

Nordeste de Amaralina resgata cidadania

Revoltados, moradores da região rejeitam a discriminação e exigem respeito através da ação das associações de moradores

JORGE LINDSAY

Os quase 90 mil habitantes da região do Nordeste de Amaralina estão exigindo reconhecimento da sua cidadania. Estigmatizados pela má fama provocada por uma violência localizada apenas e sintomaticamente nos bolsões desassistidos, encravados em 20 km de território, moradores do Vale das Pedrinhas, Chapada do Rio Vermelho, Alto de Santa Cruz e ainda da pequena Nova República pretendem uma nova visão sobre a localidade.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cerca de 90% dos moradores são negros e pardos e não querem mais ser vistos como representantes em potencial de comunidades das quais uma simples citação dos seus nomes enseja rejeição e medo. Ilhados pelo preconceito que costuma colocá-los à margem da sociedade, são excluídos em seleção para empregos e vivem dificultados relacionamentos afetivos. Os moradores querem dar um basta nessa situação.

Apesar das disputas entre grupos que dificultam e até impedem o trânsito livre entre os bairros, número da Ong Estado de Paz indicam redução da violência. "antes havia cinco homicídios semanais e hoje cerca de quatro por mês. Se há 100 bandidos em cada distrito, existem em contrapartida 30 mil famílias" constatam os moradores.

Garotas e rapazes que vivem na região do Nordeste de Amaralina vivem um dilema e até uma frustração: não conseguem ampliar seu círculo de amizades fora dos limites do bairro e, tampouco, o que consideram mais angustiante, arranjar namorado(a). O que pode parecer apenas um anseio natural de jovens, revela por dentro um drama que atinge a maioria dos que ali reside.

D.F.S., 18 anos, desabafa: "Já perdi, em seis meses, dois namorados porque moro aqui. Acontece que os rapazes residem em Patamares e Itapuã e quando faltei que morava aqui na Chapada, eles desanimaram, inventaram desculpas e sumiram".

"Somos discriminados, sim", afirma com convicção Marcelo Santos Almeida, 31 anos, diretor da Associação do Alto de Santa Cruz, considerada uma área de risco. Ele faz questão de lembrar que, a exemplo de outras áreas periféricas em todo o País, no Nordeste sempre sobram as migalhas. "Na realidade, as administrações públicas nunca ousaram para mudar de fato, ir além de paliativos", diz, complementando: "O estigma atinge indistintamente a todos".

Hildete Souza Prazeres, também engajada no movimento de superamento moral da região, confirma o preconceito e revela que candidatos a empregos são hemisucedidos, mas quando informam morar no Nordeste são dispensados. Reforça o coro Ana Lúcia Teixeira, da antiga invasão da Nova República. "Precisamos promover campanhas públicas nos meios de comunicação alertando para o fato de que somos também cidadãos com todo respeito e dignidade".



O morador Evandro dos Santos mostra a vista do bairro a partir da localidade do Areal do Alto da Santa Cruz

"Precisamos promover campanhas públicas nos meios de comunicação, alertando para o fato de que somos também cidadãos com todo respeito e dignidade".

Ana Lúcia Teixeira

"Fico triste quando ouço falar mal do meu bairro"

Cleudson Santana Bruno, 23 anos

Desnível socioeconômico predomina

Nascida praticamente de colônias de pescadores e também de três grandes fazendas, a região do Nordeste de Amaralina começou a se expandir de forma desordenada, como a maioria dos bairros periféricos, por volta de 1955. E como ocorre nessas circunstâncias, o espaço foi ocupado de forma heterogênea. O desnível social e econômico predominou.

A marginalização, por sua vez, se instalou, trazendo a má fama aos bairros. Em fases agudas, mas policiais contribuíram para o descontrole da violência, agredindo e marginali-

zando cidadãos e matando por conta própria. Entre os policiais militares presos recentemente como integrantes de grupos de extermínio havia os radicados no Nordeste de Amaralina.

Um antigo morador, que prefere não se identificar, diz que apesar da diminuição do índice de violência, os focos de tráfico de drogas ainda estão inscristados em locais como Areal, Boqueirão, Vale das Pedrinhas e Alto da Chapada e de Santa Cruz. "Essas áreas se tornaram o diferencial, no mau sentido, da região em relação à maioria absoluta do restante da população tra-

balhadora e honesta", comenta. A fama de violência do Nordeste de Amaralina e áreas circunvizinhas se consolidou nos anos 70 e teve seu auge na década de 80, quando eram registrados constantemente crimes hediondos como estupros, chacinas e homicídios resultantes de guerra de grupos rivais.

Na avaliação do delegado Sérgio Sotero, a 28ª Delegacia foi instalada justamente para reduzir a violência, em relação a homicídios. Para o policial, houve uma contenção sensível. "Mas existem outros tipos de violência de- correntes de inimizades entre vi-

zinhos, rixas por motivos vários e ainda agressões decorrentes do uso de álcool, que não deixam de aumentar a fama da região."

Sotero confirma que as rixas entre bairros contribuem também para a imagem violenta. "Há pessoas que correm risco de morte se ousarem circular por localidades rivais, cujos nomes não devem ser citados para não acirrar ainda mais os ânimos".

Números da ONG Estado de Paz comprovam a redução da violência na região a partir de 2003, quando ocorreram 36 homicídios. No ano passado, esse número caiu para 11.

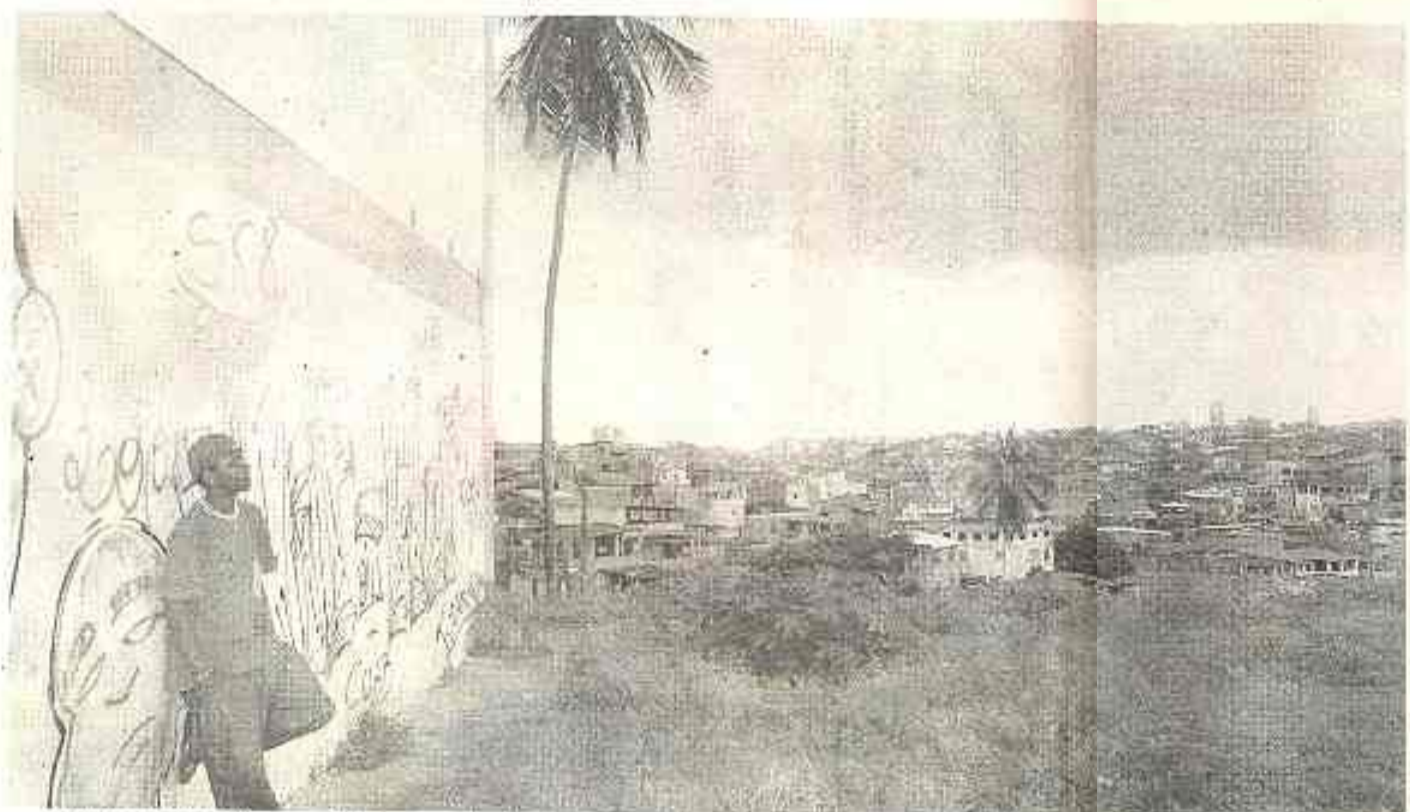
"Já perdi, em seis meses, dois namorados porque moro aqui.

Acontece que os rapazes residem em Patamares e Itapuã".

D.F.S.

"O estigma atinge indistintamente a todos"

Marcelo



Marcelo Oliveira, grafiteiro, engajado no projeto Viva Nordeste, foi criado em uma área de grande conflito



ONDE FICA
entre os bairros de Itapicuma e de Amaralina

Localização:
entre os bairros de Itapicuma e de Amaralina

Extensão: 20 km²

Densidade demográfica:
400 habitantes por hectare
Atualmente 45% dos habitantes da região tem 25 anos ou menos
88% da população é negra e parda

Taxa de ocupação de mão-de-obra: 39%
Existem 22 mil famílias em toda a área
Em torno de 75% dos jovens entre 15 e 19 anos estão fora da escola, sem trabalho e moradia

EDITORIA DE ARTE: TARDÉ

Jovens superam adversidades com talento

Além da ação conjunta das associações de bairros para resgatar a imagem de cidadania dos moradores a população passou a contar, há 11 meses, com o Programa Viva Nordeste, da Secretaria de Trabalho e Ação Social do Estado em parceria com várias ONGs.

Segundo a coordenadora técnica do programa, Maria Tereza Ramos, a principal ação realizada no ano passado foi a construção, pelos próprios moradores, do Plano de Desenvolvimento da Região Nordeste de Amaralina.

O resultado foram ações nas áreas de educação, organização comunitária, acesso a serviços públicos, trabalho e renda. "O trabalho culminou com o encontro "União e Ação", que reuniu mais de 400 pessoas."

Mas resgatar ou impor uma "imagem decente" é fundamental. E nesse sentido, a juventude está no circuito. Marcelo Oliveira, 19 anos, 3º ano do Colégio Carlos Santana, no Nordeste, é um exemplo saudável. Nascido no Areal do Alto da Santa Cruz, tido como área de risco pelos constantes conflitos, ele passou incólume pela sedução das drogas. "Nunca procurei humilhar ou rebuxiar conhecidos que caíram nela e meus pais sempre me alertaram", revela Marcelo Oliveira, engajado no projeto e talentoso grafiteiro.

Sempre preocupados com a imagem do bairro onde nasceram e residem, Gilmarina Silva Pereira, 20 anos, e Cleudson Santana Bruno, 23, também querem que as pessoas vejam a

região do Nordeste como um local onde todos podem circular sem medos.

Eles lembram que na maioria das localidades periféricas de qualquer bairro sempre há focos de violência, mas acham também que a intervenção do Estado pode auxiliar no processo de reversão.

Morena simpática, Gilmarina foi aprovada no vestibular para Geografia e recebeu uma bolsa para curso de modelo pela Mega Modas. Faz também teatro e dança. "Sabendo da situação da minha família, que sobrevive com dificuldade sempre achei que o melhor caminho era o estudo e a arte. Mas para chegar até aqui, ralei muito, chegando até a catar papelão, mas não me arrependo. Quanto

a drogas, felizmente sempre soube me afastar."

Já Cleudson vem conseguindo se aproximar do seu ideal, que é ser um exímio saxofonista. "Também sou da periferia, mas sempre lutei para me impor. Fico triste quando ouço falar mal do meu bairro. Aqui tem muita gente boa, talentosa e trabalhadora que luta para ganhar a vida, por que então não ver o Nordeste de Amaralina com outros olhos e com boa vontade? indaga o rapaz já considerado um artista promissor pelos orientadores da Escola de Talentos do Viva Nordeste, à qual ambos estão ligados. Eles mostram que no Nordeste de Amaralina a luta pela cidadania está ganhando os primeiros rounds para a violência.



Gilmarina, que passou no vestibular, faz teatro e dança